

Opinião

A ligação Orinoco-Amazonas-Prata

Herbert Levy *

Quando recebi o convite para participar das comemorações do Centenário do Instituto Politécnico da Bahia, achei que era muito boa a oportunidade para reviver o assunto que será aqui objeto de minha exposição, de capital importância para o continente.

Este trabalho foi escrito há quatro anos e teve a intenção de chamar a atenção dos integrantes do I Encontro Internacional sobre o Direito à Navegação e à Hidrovia, para o problema da Hidrovia Sul-Americana, que envolve a ligação das bacias do Orinoco, Amazonas e Prata, que interessa a

Orinoco-Amazonas-Prata é uma velha aspiração de latino-americanos

novos países sul-americanos. O Instituto Cultural Brasil-Argentina, do qual sou presidente do Conselho, patrocinou há dois anos em São Paulo uma conferência do eng. agrônomo Victor Del Mazo Soares, argentino, sobre a ligação Orinoco-Amazonas-Prata.

Ele lembrou que seu primo-irmão, o deputado argentino Rafael Del Mazo, em 1948, apresentou à Câmara

dos Deputados da Argentina uma proposta criando o Grupo de Estudos para a ligação hidroviária Prata-Amazonas-Orinoco, proposta essa aprovada por unanimidade. Pouco depois, iniciou-se na Argentina o regime peronista, seguido dos regimes militares, e a idéia não prosperou.

Mas lembrei-me de que grandes engenheiros hidráulicos brasileiros, entre os quais o construtor da Usina de Paulo Afonso e o ex-ministro Otávio Marcondes Ferraz, haviam-me falado com entusiasmo da hidrovia,

A hidrovia Orinoco-Amazonas-Prata é uma velha aspiração de latino-americanos

de interesse para nove países sul-americanos. Mais recentemente, três grandes engenheiros hidráulicos, os professores da Escola Politécnica de São Paulo, José Martiniano de Azevedo Neto e Carlos Eduardo Almeida e o eng. Braz Juliano, partidários convictos da hidrovia, e mais o professor e deputado Vasco Neto, da Bahia, apoiaram a constituição de um grupo de trabalho, apontando o meu nome para presidi-lo.

Levei o assunto pessoalmente ao presidente Fernan-

do Collor, que aprovou a idéia e a constituição do grupo de trabalho, que seria vinculado diretamente à Presidência da República. Infelizmente até agora a burocracia impediu a oficialização desse grupo, apesar de um despacho do próprio punho do presidente Collor.

Dadas estas informações preliminares e entrando no mérito do assunto, deve ser lembrado que já em 22 de junho de 1826 Hercules Florence, cidadão francês depois naturalizado brasileiro, partindo de Porto Feliz, no rio Tietê, chegou a Belém do Pará, no rio Amazonas. Publicou em livro o seu relatório de viagem, que consultei na Biblioteca Municipal de São Paulo, por estar esgotado.

"A expedição foi chefiada e custeada pelo cônsul, barão de Orlangsdorff, obedecendo a determinação do imperador Alexandre I, da Rússia, e detinha-se meses em cidades e matas para estudo dos índios e da nature-



za. Compu-nham-na duas grandes canoas, três batelões, duas canoinhas e quarenta pessoas. No porto de Cuiabá, a expedição dividiu-se em duas: uma alcançou o Amazonas, pelos rios Guaporé, Mamoré e Madeira, até Belém. A outra chegou a Santarém e a Manaus, partindo de Diamantino, pelos rios Preto, Arinos, Jurena e Tapajós, demonstrando a viabilidade não de uma mas de duas rotas.

E, por fim, regressou ao Rio de Janeiro, após 46 dias de bordo, "dando fim a nossa penosíssima, atribulada e infeliz peregrinação pelo interior do vasto Império do Brasil".

- O presidente peruano, arquiteto Fernando Belaúnde Terry, a bordo da canhoneira BAP "Amazonas" e do barco auxiliar BAP "Pucalpa", partiu de Iquitos, no rio Amazonas, até Puerto Venado, no rio Orinoco, cumprindo a opinião sul-americana e efetivando a união das duas bacias.

Na altura de São Gabriel, devido a uma cachoeira, "a canhoneira pôde superar esse 'mau passo', graças à ajuda do Exército brasileiro, com um cabo de aço puxado desde a terra por um trator manobrado pela guarnição local".

Esses antecedentes demonstram como essa obra fundamental para o desenvolvimento sul-americano ficou inexplicavelmente estagnada durante bem mais de um século.

Desejo propor a este plenário seja aprovada mo-

Até agora a burocracia impediu a criação de um GT para estudar a hidrovia

ção dirigida aos governos do Uruguai, Argentina, Brasil, Paraguai, Bolívia, Peru, Equador, Venezuela

com imenso benefício para as populações dos nossos países. Permito-me fazer um resumo da peça: completada a hidrovia, estão criadas as condições para transformar a América do Sul em América do Norte!

Pretendo pedir ao presidente Fernando Henrique Cardoso a constituição de um grupo de trabalho, vinculado à Presidência, do qual façamos parte o dr. Vasco Azevedo Neto e eu.

* Presidente do Conselho de Administração da Gazeta Mercantil.

12/11/2/1966 A-22
SM